

TRANSIDENTIDADES E MARCADORES NECROPOLÍTICOS: OS APAGAMENTOS HEGEMONIZADORES DO MEIO HISTÓRICO-SOCIAL

HÊNRICA DA SILVA FERREIRA¹; FERNANDA VIEIRA FERNANDES²

¹Universidade Federal de Pelotas – henricaferreira@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fvfernandes@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo tem como objetivo discutir a invisibilidade de corpos trans, atendo-se aos processos e mecanismos que atuam nesses apagamentos. Para tanto, parte-se de dois exemplos: Xica Manicongo, a primeira travesti brasileira, e João Nery, o primeiro homem trans a realizar uma redesignação genital no país.¹ A reflexão se apoia na transvelhice, bem como na dissidência, entendendo-os como polos norteadores para perceber o espaço ocupado por esses corpos. Os estudos presentes no texto partem de um olhar histórico-social de vivências transvestigêneres², relacionando-os à biopolítica postulada por FOUCAULT (1988; 2008) e (de)formada por MBEMBE (2018), através da ideia de necropolítica, resultando no que se pode chamar de bio/necropolítica.

2. METODOLOGIA

A pesquisa sobre a visibilidade de corpos transvestigêneres constata a inexistência de referências sobre estas vivências, sobretudo quando se pensa na construção do Brasil. A História nasce de um olhar hegemônico, que não se volta para narrativas dissidentes. Para embasar essa afirmação, este resumo se debruça sobre dois conceitos constantemente atrelados às narrativas de diversas minorias, incluindo a população T³: biopolítica e necropolítica. O primeiro, cunhado por Michel Foucault, traz a ideia de “biopoder”, o “conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais, vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral do poder” (2008, p. 3). Desta maneira, entende-se que existe uma força que controla e designa os acessos a este conjunto de características, leia-se também direitos. (De)formando⁴ em complemento interseccional⁵, Achille Mbembe expõe que essa força constitui uma seleção, na qual “[...] a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer”

¹ Procedimento cirúrgico de transição genital (transgenitalização), no qual se reestrutura uma vagina ou um pênis a partir da identidade de gênero do paciente.

² Transvestigênera é um termo instituído por Érika Hilton e Indianare Siqueira, que abarca pessoas transsexuais, travestis e não-binários. Destaca-se que, neste resumo, agrega-se ainda o uso da linguagem neutra a fim de incluir todas essas identidades e, por conta disso, algumas palavras apresentarão grafia diferente da tradicional da língua portuguesa.

³ Refere-se aqui a todas aquelas que se entendem como transvestigêneres.

⁴ Segundo FERRAZ e NUNES (2012) o conceito abarca uma nova possibilidade de deformação do ensino e de sua prática, tornando-o de fato equivalente em acesso e em trocas entre docentes e discentes.

⁵ “A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.” (CRENSHAW, 2002, p. 177)

(2018, p. 5), instaurando a necropolítica. Esse tipo de política viabiliza e postula uma tentativa genocida e velada de erradicação de diversos corpos anômalus, que seguem por caminhos de morte, marginalização, discriminação e apagamento. Destarte, vê-se como tais políticas não só atuam para decidir sobre as vidas que merecem valorização, mas, também, sobre as que merecem ser lembradas. A pretensa soberania do corpo-homem, branque, cisgênera e heterossexual esmaga corpos dissidentes – mulheres, pretos e transvestigêneres.

Dolorosamente, muitos são os exemplos de pessoas da população T que morrem/morreram e foram/são esquecidas diariamente. É crucial que a revolta contra este fato leve à reflexão sobre suas causas. Tanto Foucault, quanto, e principalmente, Mbembe, agregam ideias com seus estudos: o que é anômalo, dissidente e/ou transgressor é apagado, ou por políticas higienizadoras, ou pela própria população que não deixa, ela mesma, de ser manipulada por essa política. Levantados brevemente os conceitos que organizam o estudo deste resumo, passa-se agora aos estudos de caso, discutindo-os sob o prisma dessas ideias de apagamento e bio/necropolítica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A representatividade é mais do que nunca necessária, seja em livros, novelas, estudos e afins. Tais meios facilitam o entendimento de que todas as formas de ser e estar no mundo são válidas e devem ser respeitadas – o que é bastante diferente de ser tolerada, o mais habitual na atualidade e que deve ser combatido.

Xica Manicongo, primeira travesti que se tem notícia no país, insere-se como um exemplo da potência dessa representatividade. Negra, escravizada e natural da República Democrática do Congo, Xica viveu no Brasil colonial e desafiou a sociedade da época, se impondo perante os homens brancos. Xica é um pilar fundamental para a transvestigeneridade brasileira, para todas aquelas que sofrem e lutam diariamente com outros para se reafirmar enquanto pessoas, que têm direito à saúde, educação e a suas identidades. Não é à toa que sua figura pôde ser lembrada e imortalizada através de tanto tempo e, contemporaneamente, com grande alcance, como no troféu *Xica Manicongo de Direitos humanos*, da Associação de Travestis e pessoas transexuais do Rio de Janeiro, na criação do próprio Coletivo Xica Manicongo (São Paulo, 2017) e no espetáculo *Xica* (2017), do Coletivo das Liliths de Salvador/BA.

O segundo nome aludido neste estudo é o de João Nery, psicólogo e primeiro homem trans a fazer uma redesignação genital no Brasil, uma transrepresentatividade efetiva. Nery, apesar das diversas experiências de perseguição, preconceito e tentativas de apagamento, sobreviveu e viveu uma transvelhice, atingindo 68 anos. Salienta-se que a média de vida de pessoas transvestigêneres, no Brasil, é de 35 anos (ANTRA, 2018). Em seu livro, *Velhice transviada*, Nery apresenta diversas narrativas de outras figuras transvelhas e percebe-se como os marcadores de idade não só são determinantes para muitas, como são aterrorizantes para outros – nesse caso, as pessoas trans.

No capítulo 10, intitulado “A velhice começou aos doze”, Nery conversa com Anyky, mulher travesti de 62 anos, que viveu 50 anos de sua vida como profissional do sexo. Questionada sobre como achava que sobrevivera tanto tempo, ela afirma que “[...] sobreviveu às intempéries da vida por ser muito medrosa” (NERY, 2018, p. 86). O medo, instabilidade e insegurança relatados por Anyky estão presentes em quase todas as histórias do livro. As pessoas T que atuam como profissionais do sexo – 90% dessa população, conforme o ANTRA

(2019) –, seguem perseguides por diversos marcadores, sobretudo os de poder. Destaca-se a presença de autoridades abusivas que as prendem sem motivo e, para que saiam da delegacia impunes ao fichamento, devem acordar com o estupro e a violação. Fora isso, existem os casos de violência policial que ocorrem na própria pista (gíria que designa o local de prostituição), com agressões físicas e verbais, uma forma de exercer a necropolítica sobre dissidentes.

As mortes e violências contra esse grupo minoritário são banalizadas. As violências não dizem respeito só os corpos que ocupam esse espaço marginalizado, mas a todos que são invisibilizados de alguma forma, como na academia, quando não lhes dão espaço para falarem para si e sobre si, ou nos meios de serviços formais, como restaurantes, lojas, escolas e hospitais. Isso pode ser, de fato, uma das maiores violências cometidas contra as minorias sociais.

Outro apagamento que vai dialogar muito com a transvivência de Nery é aquele respaldado pela passabilidade, ou seja, o ato de ser tomado como alguém de outro grupo identitário. No caso específico de Nery, que é de transvivência de identidade transmaculina, ser tida como uma mulher lésbica masculinizada. Esse tipo de processo é violento para quem vivencia sua transidentidade e, especialmente, para transmaculinos que estão descobrindo-se enquanto pessoa trans e, não vendo caminhos possíveis para afirmação de sua identidade em uma sociedade sexista, acabam retornam ao “armário”.

4. CONCLUSÕES

Apesar de todos os fatores mencionados neste resumo expandido, inicia-se, através de muita militância e resistência de corpos, a primeira onda de representatividade trans em meio cultural. Para exemplificar, menciona-se Renata Carvalho, mulher travesti que atua no teatro, se articulando com outros transativistas; e Dodi Leal, travesti doutora em psicologia social, pela Universidade de São Paulo, com pesquisas sobre corpos dissidentes no meio cênico. São esses tipos de representatividade que se fazem necessários para evidenciar esses corpos e narrativas. Não se deve pensar em como essas pessoas podem ocupar esses espaços, uma vez que eles são marcados pela cisgeneridade, e sim naturalizá-los nesses lugares.

Para se estabelecer uma relação realmente emancipatória do sistema⁶ patriarcal e, por consequência, de seus processos higienizadores, leia-se também apagamentos, deve-se ater às problemáticas que atravessam todas as identidades, de gênero e raça, procurando a erradicação, por uma não necessidade, dessa necropolítica. Evidenciando as pluralidades que compõem nosso país, dando espaço e visibilidade a todas as maneiras de ser e estar em sociedade, desde a História, passando pelos sistemas de organização governamental e social, e gerando oportunidades verdadeiramente equivalentes. Finaliza-se essa escrita evocando todos aqueles cujas histórias não foram contadas, que as corpos foram violadas, seja por outros e/ou pela história cisgenerificada. Que todos, através de uma nova forma de ver e “ser”, sejam livres para transviver!

⁶ Termo que define a organização social, o sistema, do país através do olhar cisgênero, o prefixo “cis” diz respeito a estar em conformidade com algo, vide Viviane Vergueiro (2015/2016) e Laporta (2018).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (ANTRA). Online. Disponível em: <<https://antrabrasil.org/>>. Último acesso em 17 set. 2020.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. In: **Revista Estudos Feministas**. 2002, vol.10, n.1, p.171-188. Online. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>>. Último acesso em 21 set. 2020.

FERRAZ, C.B.; NUNES, F.G. Ser professor: deformar e criar pensamentos. In: **Revista Percursos**. Florianópolis, v.13, n. 2, 2012. p. 94-113.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Trad. de Maria Thereza da Costa de Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**: Curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

JESUS, J.G. de. Xica Manicongo: A transgeneridade toma a palavra. In: **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v.3, n.1, 2019. p. 250-260.

LAPORTA, L.D.S. Transfeminismo – feminismo interseccional relacionado às questões trans. **Do cis-tema à soberania transfeminista**. São Paulo, 25 abr. 2018. Disponível em: <<https://transfeminismo.com/do-cis-tema-a-soberania-transfeminista/>>. Último acesso em 17 set. 2020.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MOTT, L. Efeminados, travestis, transexuais e hermafroditas luso-afro-brasileiras nas garras da inquisição. In: GOMES, A. R.; LION, A.R.C de (Orgs.). **Corpos em Trânsito**: existências, subjetividades e representatividades. Salvador: Devires, 2020. p. 51-71.

NERY, J.W. **Velhice transviada**: memórias e reflexões. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VERGUEIRO, V. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015/2016. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia.